



**Universidade:
presente!**

UFRGS
PROPEAQ



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

| | |
|-------------------|---|
| Evento | Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS |
| Ano | 2019 |
| Local | Campus do Vale - UFRGS |
| Título | “Estás presa, muchacha!”: violência e relações escravistas no Brasil oitocentista |
| Autor | LUIZA EBERT DE OLIVEIRA |
| Orientador | ROBERTO RADUNZ |

“Estás presa, muchacha!”: violência e relações escravistas no Brasil oitocentista

Autora: Luiza Ebert de Oliveira

Orientador: Roberto Radünz

Universidade de Caxias do Sul (UCS)

As redes e relações no passado escravista no Brasil tem chamado a atenção dos historiadores que tem dado visibilidade aos escravos como sujeitos históricos. Nesse sentido, os processos crimes constituem fontes de pesquisa de grande riqueza em que pesem todas as limitações decorrentes de registros marcados pelos protocolos jurídicos. Mesmo assim, nas entrelinhas do que está registrado e o que se oculta se descortina um material de grande valia para a pesquisa histórica. Nesse sentido, essa comunicação gira em torno de um processo criminal do ano de 1873 que tem como réu o escravo Martinho. O réu foi acusado de, no dia 13 de novembro, raptar e estuprar a vítima, Francisca. Ela estava em casa com seu filho pequeno quando Martinho, armado de uma pistola e de uma faca, invadiu a sua residência e a raptou, usando de violência, levando-a para um capão onde teve com ela “cópula carnal”. O réu foi condenado em 200 açoites e ao uso de um ferro no pescoço por 6 meses. No decorrer do processo é revelado que o réu cometeu o crime a mando de outra mulher livre. A pena dada ao réu, segundo o processo, contrariou a sua vontade de pagar pelo crime na prisão e não mais sob posse de seu senhor. Este desejo provavelmente decorria dos maus tratos excessivos sofridos pelo cativo e a negativa de seu senhor de lhe dar carta de venda. A pesquisa trabalha com a digitalização e transcrição do processo crime acervado no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS - Encruzilhada. N.1566, M.49, E.122) para a devida análise. O documento consiste em 97 páginas que são constituídas da formação da culpa e do processo jurídico. Após a leitura e apreciação crítica da fonte, levanta-se pontos marcantes e analisa-se as possibilidades interpretativas dentro da metodologia micro-histórica sobre a sociedade escravista. Processos crime são fontes primárias para a análise histórica, pois permitem que sejam reconstituídas tramas individuais e coletivas de diversos grupos sociais. Nesse documento, de forma filtrada, está a voz de diversos sujeitos, como o juiz, o curador, as testemunhas, os informantes e a vítima. Tais falas estão registradas de forma seletiva pelo escrivão, pessoa que acaba por refletir o pensamento dominante do período. Nessa comunicação busca-se analisar as diversas formas de violência presentes no processo e que ditaram as relações escravistas no Brasil oitocentista. Possivelmente, porque havia fugido, Martinho foi apadrinhado pela mandante do crime. Ao ser apadrinhado, o escravo arranjava alguém que negociasse a solução de algum problema. A mandante do crime desconfiava de que a vítima teve relações ilícitas com o seu marido e por isso mandou o réu raptá-la para cortar seus cabelos e lhe dar uma surra. A tosa do cabelo se relaciona, nesse contexto, a uma perda da feminilidade perante a sociedade.